

EDITORIAL



"Eu disse que havia perdido a fé, respondeu Stephen, mas não o respeito por mim mesmo. Que tipo de liberdade é essa que rejeita o que é lógico e coerente e aceita o que é ilógico e incoerente?"

*Retrato do artista quando jovem
James Joyce*

Ao longo da História, o homem vem acumulando importantes aquisições. Com o exercício rigoroso da razão o homem tem sido capaz de elaborar técnicas seguras para proposição de teorias com a conseqüente confirmação prática. A prática da ciência insere o homem no universo como um elemento de grande autoridade gerada pelo importante recurso da avaliação crítica - histórica - do passado, assim como pelo domínio de técnicas que projetam adiante sua expectativa.

Entretanto, determinados pontos frágeis surgem neste processo. A razão, por si só, não é sempre capaz de decodificar de modo "lógico e coerente" determinadas questões que a "natureza não racional" eventualmente apresenta. E, como que alimentando tais dificuldades, o homem é eventualmente assaltado pelo conflito entre ciência e fé.

Sob o ponto de vista cronológico, pode-se dizer que a religião precede à ciência. Vários rituais primitivos demonstram uma nítida conotação mística para interpretação de simples fenômenos da natureza. Mais recentemente, na Grécia antiga, por exemplo, a filosofia era por vezes examinada sob a influência de uma forte ótica religiosa que imprimia noções nem sempre muito iluminadas, sob uma perspectiva atual.

Evolutivamente, entretanto, tal *status* começa a ser questionado. Já no século XVII destaca-se o episódio envolvendo Galileu e o tribunal do "Santo Ofício", chamando a atenção para o abismo entre a igreja e a ciência vigentes. Na mesma época, Pascal caracteriza o "homem científico" e o "homem religioso", acentuando a distância entre tais concepções. Tal dissociação se intensifica no século XIX quando Marx chega a atribuir à religião a imagem da alienação do ser humano e Nietzsche propõe que o homem se liberte pela revisão crítica de sua alienação religiosa. E quando Sartre, já no início do século XX, afirma que o homem é integralmente responsável pela sua própria existência, parece que se atinge o acme de uma trajetória que confronta a ciência com a fé.

Apesar da luta em busca do conhecimento e da autonomia, em grande parte relacionada ao desejo da autoridade, a ciência ainda está muito distante do sonho do conhecimento integral. Há, ainda, um grande universo que permanece obscuro, inacessível aos recursos tecnológicos e não submetido às teorias vigentes do conhecimento.

Neste final de século estamos verificando o aumento da expectativa de sobrevivência do ser humano. O desenvolvimento da biologia genética, com o mapeamento do código genético e a possibilidade de interferência neste terreno inclusive com o surpreendente recurso atual da clonagem são elementos que garantem fortes características de progresso científico nesta mudança de perspectivas para o século XXI. Neste processo, entretanto, é fundamental não abandonar o juízo (auto) crítico. É importante não ceder à tentação de se considerar como verdadeiro apenas o que é aparentemente "lógico e coerente", racionalmente legitimado ou "cientificamente provado" é desconsiderar o que está (ainda) inexplicado. Talvez seja mais construtivo olhar o bizarro ou o misterioso mais como um desafio a decodificar do que um incômodo desconhecido a rejeitar. E, ainda, perceber que - muitas vezes - o movimento que impulsiona a assim chamada ciência para adiante é, muitas vezes, sustentado apenas por convicções não racionais que podemos chamar de "intuição" ou "fé".

José Luiz Tavares
Editor Científico